



TRAMA
INC O M U M

Handwritten practice of the letter 'h' in red ink, showing various slanted and upright forms.

Handwritten practice of the letter 'y' in black ink, showing variations in slant and height.

Handwritten practice of the letter 'd' in black ink, featuring a dense grid of characters with varying slants and orientations.

Handwritten practice of the letter 'p' in orange ink, showing a dense grid of characters with different slants.

Handwritten practice of the letter 'm' in black ink, showing a dense grid of characters with various slants.

Handwritten practice of the letter 'r' in black ink, featuring a dense grid of characters with different slants.

Handwritten practice of the letter 'c' in black ink, showing a dense grid of characters with varying slants.

Handwritten practice of the letter 'e' in orange ink, featuring a dense grid of characters with different slants.

Handwritten practice of the letter 'n' in black ink, showing a dense grid of characters with various slants.

The background of the page is a dense, light blue scribble pattern on a cream-colored, lined paper. The scribbles are composed of various overlapping loops and lines, creating a textured, abstract effect. The lines are thin and consistent in color, filling most of the page area.

PREFÁCIO

TRAMA **I** **COMUM**

A Exposição Trama Incomum foi o delicioso ápice do complexo processo gerido na parceria entre Instituto Pavão Cultural e o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, constituindo-se como um dispositivo histórico, afetivo e reflexivo com a participação ativa de coletivos diversos em todas as etapas e meadas da trama.

Ambas as instituições, desejosas no entrelaçamento dos temas Arte, Loucura, Convivência e adjacências, trabalharam ao longo de 2020, em plena pandemia de Covid-19, para viabilizar a produção de trabalhos, inclusive levando materiais até a casa das pessoas, selecionando obras do Acervo de Arte Cândido Ferreira, organizando rodas de conversa, apresentações e ações em arte e visitas virtuais e presenciais.

A feitura dessa trama a muitas mãos e vozes provocou importantes movimentações na comunidade do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Imaginem a emoção em desenrolar e exibir maravilhosas pinturas em lona do acervo que há 20 anos não eram expostas? E também em ouvir profissionais que foram essenciais na formação do acervo para contarem histórias de exposições, da conquista dos pacientes descobrindo-se artistas e das obras? E nos ateliês dos centros de convivência e dos Caps? Percebem a significativa beleza em customizar o seu próprio retrato fotográfico e em revelar o seu processo criativo perante a câmera nas mãos de sua orientadora? Sentem a intensidade dos adolescentes em suas criações nas máscaras de pano e a importância em acompanhar uma artista a escolher, palavra por palavra, sua biografia artística? E, por fim, conseguem perceber o orgulho e a alegria de cada artista ao se deparar com a sua própria obra no contexto da exposição?

Toda essa densidade de percurso, essa empolgação com as surpresas do processo, foram compartilhadas por e entre os coletivos participantes dando, aos poucos, a consistência de um incomum inesquecível.

GAL SOARES DE SORDI
março de 2021



CURADORIA
TRAMA **I**NCOMUM

Pensar a exposição do acervo artístico do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira é pensar em muitas histórias entrelaçadas. A história do distrito de Sousas e da Cidade de Campinas, a história dos serviços de atenção à saúde mental e a reforma psiquiátrica, as histórias pessoais de pacientes, médicos, usuários e cuidadores e a partir de agora, dos leitores-visitantes como participantes dessa experiência. Durante a pandemia de Covid-19, parece que estivemos todos dentro da mesma trama, sofremos angústias pela falta de afeto, pela necessidade de isolamento, pela falta de liberdade, pelo medo e pelo luto.

Por tudo isso nos perguntamos qual a diferença entre um estado alterado de consciência transitório ou permanente, como esses sentimentos se expressam pela arte e que reflexões pudemos trazer com essa mostra.

Embora haja relatos de obras de arte feitas por pacientes de hospitais psiquiátricos desde a virada do século XIX ao XX na Europa, os conceitos de art brut, outsider art ou arte incomum, apareceram a partir da pesquisa do artista Jean Dubuffet em 1945 e seguem sendo estudados em acervos de galerias e museus em diversas partes do mundo.

Algumas obras aqui apresentadas tiveram um único autor e outras onde o trabalho iniciado por um foi completado pelo trabalho de outros, de uma forma colaborativa, entrelaçada e afetiva.

Há obras realizadas ainda nos tempos do hospital psiquiátrico e outras, mais atuais, realizadas nos Centros de Atenção Psico-Social (CAPS) ou nas residências dos usuários, durante a pandemia.

Os trabalhos expostos, e aqui catalogados, mostram imagens poéticas e instigantes que sugerem situações e vivências capazes de levar o espectador também a uma viagem ao seu próprio interior.

MARIO BRAGA E TERESA MAS

março de 2021



CURADORIA
TRAMA **I**COMUM

Ser curadora do Museu Vivo Cândido Ferreira é uma oportunidade única de aprendizado.

Acredito que o verdadeiro sentido da arte está na possibilidade da troca e do compartilhamento. E à respeito dessa ideia gostaria de citar uma frase do cineasta russo Andrei Tarkovski:

“...a grande função da arte é a comunicação, uma vez que o entendimento mútuo é uma força a unir as pessoas, e o espírito de comunhão é um dos mais importantes aspectos da criação artística.” (1)

É justamente o espírito de comunhão e a vontade de se comunicar com o outro que movem os artistas e as pessoas desta instituição com os quais tenho convivido e aprendido o verdadeiro sentido da arte.

Porém, este privilégio não é só meu...se estende à todos que em geral se envolvem com o trabalho destas pessoas. E afirmo aqui que, sem sombra de dúvida foi o que também ocorreu com todos que, de alguma forma, participaram de TRAMA INCOMUM, exposição realizada pelo Instituto Pavão Cultural e Museu Vivo Cândido Ferreira.

Uma soma extremamente produtiva de saberes e experiências! Desenhos, Pinturas, Fotografias, Instalações, Dança, Performance e Música, todos “entramados” e com um objetivo maior:

Compartilhar ARTE!

CECÍLIA STELINI

março de 2021

(1) TARKOVSKI, Andrei, Esculpir o Tempo, pág. 42, Editora Martins Fontes.



SERVIÇO DE SAÚDE DR. CÂNDIDO FERREIRA

O Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira é uma instituição filantrópica de saúde mental conveniada ao Sistema Único de Saúde. Fundada em 1924, originalmente como hospital psiquiátrico, decide, a partir de 1990, transformar o modo de promover a assistência, fechando alas de internação e abrindo serviços de base comunitárias para construir um cuidado estruturado na clínica, na escuta dos usuários, no exercício da convivência, da cidadania, de ações no campo da cultura, esporte e do trabalho. Hoje, a instituição possui 40 unidades em diferentes bairros de Campinas, atende 6.500 usuários e conta com 950 trabalhadores. A instituição é referência no campo educacional, servindo como campo de estágios para muitas universidades, e promovendo cursos e formações na área de saúde mental, além de uma residência médica em psiquiatria. Em 2018, a instituição foi reconhecida pelo Programa Cultura Viva do Estado de São Paulo como Ponto de Cultura Museu Vivo Cândido Ferreira.



100%
ALGODÓN

ESPAÇO 8 ATELIER

No início dos anos 90, o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira passava por um período de grandes reformulações, buscando transformar suas práticas manicomiais em projetos que tinham como meta, oferecer espaços de tratamento mais humanizado aos usuários daquela instituição, diferenciando, com isso, o atendimento aos que, à época, eram chamados de moradores (crônicos), internados (agudos) e aos que necessitavam apenas de tratamento ambulatorial (hospital-dia).

Vale ressaltar que ainda não havia sido implementada a rede de saúde psicossocial tal como hoje. Foi um momento de abertura e de transformações no modelo de assistência e cuidado às pessoas portadoras de transtornos mentais.

Em 1992, a pedido do Colegiado de Gestão do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, planejamos e implementamos um projeto artístico chamado Espaço 8 – Atelier, que unia teatro, música e artes plásticas. O Espaço 8 era formado por Edson Malvezzi, terapeuta ocupacional e coordenador, Sueli Francisco, artista plástica, João Bosco, artista plástico, e por mim, Marcelo Pinta, ator. Esse projeto visava oferecer o trabalho com a arte para todas as unidades do Cândido Ferreira, inclusive para os funcionários.

O Espaço 8 – atelier funcionou nesse formato por aproximadamente dois anos.

Apesar do fim do Espaço 8 – Atelier como um projeto maior, envolvendo todas as atividades e ações citadas acima, o João Bosco passou a nomear o atelier aberto de Espaço 8. A partir desse momento, o Espaço 8 passa a representar, apenas, o trabalho com as artes plásticas, nesse atelier aberto para os usuários do Cândido Ferreira. E seguiu nesse formato até os anos de 2005/2006. Vários usuários passaram pelo Espaço 8 nesse período, alguns com uma produção relevante e premiados em salões e bienais de artes. É desse período o início da constituição de um acervo na Instituição. Algumas obras estão presentes até hoje nesse acervo.

Como já foi dito anteriormente, foi um período de grandes transformações. O Movimento da Luta Antimanicomial ganhava força, afirmando e defendendo a Reforma Psiquiátrica, propondo um novo modelo de atenção e cuidado. Nesse movimento e contexto, houve uma abertura, uma aposta em novas práticas. Os profissionais que estavam no Cândido Ferreira, naquele momento, acreditaram na arte como um espaço de comunicação, expressão, escuta, invenção, liberdade, encontros....Um espaço de criação!

Ressalto aqui a importância da arte, da cultura, nesse processo de transformação e abertura da Instituição, a importância da cultura nas nossas vidas.

“Por uma sociedade sem manicômios”
MARCELO PINTA agosto 2020



**“Comentários de Gildete
sobre sua obra: “Tiro
o desenho da mente,
do coração, puxando ,
expirando, puxando pra
cá, puxando pra lá.”**

(in: UNICAMP – AT-
Fundamentos teóricos e
clínicos da arte terapia,
Ana Silvia Frutoso Costa,
2003)

Gildete Pereira é artista
e usuária do Serviço
de Saúde Dr. Cândido
Ferreira

A porta de entrada não foi concurso e função específica, mas tentativa de atuar em um espaço de exercício e construção da Arte. Sebastian Marques, produtor cultural, poeta e ativista do movimento da luta anti- manicomial, indicou-me.

A proposta não visava uma produção determinada, mas seguir e abrir caminhos para o que se fazia no papel em branco. Com a constância da produção, trabalhos passaram a ser inscritos em salões de arte e vários trabalhos de usuários foram sendo selecionados e também premiados.

A produção estética ao mesmo tempo em que ganhava consistência para vários usuários, também se ramificou em possibilidades de um existir a partir dessa movimentação: * visitação em exposições; * expondo em espaços como o MIS/Campinas e em espaços alternativos como o sindicato dos bancários Campinas, Café e Arte em Barão Geraldo e a pizzaria Fiducia no Cambuí; * explorando outras ferramentas do fazer artístico – ateliê de gravura na Unicamp; * exposição e oficinas com artistas da cidade como Thomaz Perina. Todo um conjunto de ações que sedimentou um cotidiano a partir de linguagens Artísticas diferentes que foram pontos de relações com os outros.

Ao espaço foi oferecido prensa que poderia ser usada para gravura, mas acabou tendo outra destinação. A validação dos usuários como Artistas decorreu não somente desse cotidiano, mas também do reconhecimento de outros como, por exemplo Severino Antonio, escritor, poeta e educador, que escreveu sobre o trabalho do João Jordão .

JOÃO BOSCO
artista visual, março 2021







MUSEU VIVO CÂNDIDO FERREIRA: PATRIMÔNIO E FUNÇÃO SOCIAL

O Cândido Ferreira se reconhece como um museu **vivo**, na perspectiva da Museologia Social. Isso significa que sua atuação vai muito além de acumular, preservar, estudar e difundir acervos. Toda uma **comunidade** que convive e se relaciona a partir das ações de cuidado digno na promoção da saúde mental **participa** da criação de uma cultura de respeito pela diversidade, que se expressa por meio de práticas e saberes, e se materializa em variadas produções.

As raízes dessa cultura têm sido semeadas ao longo de muitos anos pelas pessoas que se engajam na Luta Antimanicomial. O compromisso permanente com esse movimento coletivo resulta, hoje, em frutos que podem ser colhidos por toda a sociedade. Não apenas por meio da apreciação das obras de arte, do arquivo histórico, do patrimônio edificado e do conjunto botânico aqui preservados, que propiciam oportunidades de entretenimento e educação aos visitantes do museu. Mas, sobretudo pela possibilidade de dispormos, todas e todos, de um cuidado acolhedor e respeitoso, livre de estigmas e da violência, fundado no esperar de que somos capazes de atravessar momentos difíceis ao dotá-los de significados.

Os acervos de artes são a parte mais visível desse **patrimônio integral**. Eles nos lembram, constantemente, o caminho para a nossa humanização – o que temos de melhor dentro de nós (e entre nós). E nos convocam, por meio da beleza e do afeto, a seguirmos por essa senda, de mãos dadas, olhando-nos nos olhos, a cabeça erguida, como criadores e guardiões dessa cultura. Por isso, sua preservação é tarefa que a equipe do Museu Vivo abraçou com seriedade: para que as futuras gerações possam desfrutar dessa riqueza e serem por ela inspiradas.

JULIANA SIQUEIRA março de 2021



EDUCATIVO

Uma teia não é um emaranhado aleatório, nem uma trama é uma produção sem intenção. A primeira é uma relação cuidadosa construída em um determinado ambiente, a segunda, a proposta de um corpo de uma dimensão para além de si. Não foi por acaso o encontro com o acervo do Cândido Ferreira, vista sua encantadora habilidade de tramar e seu jeito de ser teia. Um rápido encontro com algum de seus agentes e já se está capturado.

O primeiro encontro que aconteceu entre o Cândido e o Pavão Cultural foi em virtude do projeto educativo do espaço, em uma visita mediada com os frequentadores e trabalhadores do Centro de Convivência Toninha na exposição “Desenho?”, em 2019. A proposta por uma parceria diferente veio também do educativo, em uma percepção que reconhece o acesso de uma forma ampliada e estabelece trocas de forma cuidadosa em reconhecimento à diversidade cultural e ao direito de cada pessoa humana, e dos diferentes grupos sociais, à sua identidade cultural e à participação na vida comunitária desde suas próprias práticas. O interesse de se conectar do Pavão encontrou os saberes manicomiais do Museu Vivo Cândido Ferreira, seus artistas e seu acervo. E virou exposição! A mostra é um compromisso coletivo na construção de nossa cultura e a oportunidade de compartilhar práticas, histórias e conhecimentos.

PAULA MONTERREY março 2021





O FIO

A expografia pode ser considerada o canal de comunicação direto entre o acervo e os visitantes. Ela revelará qual a intenção da curadoria ao mostrar uma obra.

O acervo do Museu Vivo Dr. Cândido Ferreira é diverso em materiais e linguagens, assim como o recorte que foi curado para essa exposição.

Para o projeto de expografia da “Trama Incomum”, procuramos um elemento que juntasse as diferentes técnicas, o fio. Fio que faz a trama das lonas e tecidos, as linhas nos bordados e os desenhos ora delicados ora carregados de tinta e até mesmo faz os suportes criados para essa exposição.

O fio que desce do teto, suporta, pendura e ao mesmo tempo dá a sensação de profundidade, descola da parede e mostra o verso dos bordados e pinturas, também carregados de significados. Esses fios criaram uma trama de afetos que uniu diversos artistas, que compartilharam sonhos em pintura, desenho e bordado fazendo de cada pedaço de pano a parte de um todo.

PAVÃO ARQUITETURA E EXPOGRAFIA LTDA



OS PANINHOS

Desde o primeiro olhar, saindo de pequenos pacotes, esses panos intrigaram e encantaram os curadores. Eram pedaços de tecido, pintados ou bordados de forma despretensiosa. Havia desenhos, letras e figuras, e todos traziam a enorme vontade da comunicação com o outro através de sinais repletos de significado, um fato, um gesto. Foram produzidos em meados dos anos 2000, em um dos espaços de convivência criados no Cândia, durante processo de desativação do hospital. Esse Grupo de Bordados juntava alguns moradores e moradoras de núcleos clínicos que ainda funcionavam no espaço do hospital, moradores já instalados nas residências terapêuticas, vizinhos da comunidade do bairro e usuários do Espaço 8 Ateliê.

A interação entre essas pessoas e sua pluralidade fez dessa produção algo especial pois, em vários deles, não há uma autoria única, os desenhos que eram produzidos no ateliê seriam bordados por outras mãos. Muitos foram transformados em artigos utilizáveis e comercializáveis como bolsas e camisetas, outros foram presenteados e alguns ficaram para o acervo como testemunhos desse processo.

Os “paninhos” contam histórias de vidas, encontros, afetos e emancipação.

(texto inspirado nos relatos de Daniela Oboli Benalia e Rosana Romanelli, psicólogas que acompanharam os artistas nesse período)



JOVITA DOS SANTOS (1945 -)

Jovita chegou ao Cândido Ferreira em 1994, vinda do Hospital Psiquiátrico de Americana e logo ao chegar começou a participar do espaço 8 Atelier com pinturas e posteriormente com bordados. Participou por anos do Ateliê de Livre Expressão no Centro de Convivência Casa dos Sonhos junto com seus colegas de sala de aula da Fundação Municipal para Educação Comunitária (FUMEC). Habita um Serviço Residencial Terapêutico na comunidade de Sosas.



HOMERO GONÇALVES
(- 2012)

Homero começou a freqüentar o espaço 8 Ateliê em 2002, assim como a oficina artística de Trabalho e Renda “Estação Criar” no Caps Estação. Participou de várias exposições com suas pinturas em telas e madeira e desenhos sobre papel.



HOMERO GONÇALVES

GILDETE PEREIRA (1960 -)

“Nasci em Adamantina, interior de São Paulo. Morava na fazenda Boa Esperança e comecei a desenhar aos 6 anos na escolinha de lá. Entrei no espaço 8 Ateliê do Cândido em 1991 e já participei de muitas exposições. A pintura pra mim é como um remédio. Preciso ficar no canto para conectar com Deus e deixar a mente com os desenhos”. Gildete há alguns anos participa do Ateliê de Livre Expressão do Centro de Convivência Casa dos Sonhos e continua a participar com a sua arte de exposições, convocatórias de arte postal, ocupação artística.



GILDETE PEREIRA

**NORIVAL COBEIRO
(1945 -)**

Nasceu em Jundiaí. Começou a pintar em 1992 no Espaço 8 Ateliê. Homem de poucas palavras, sua comunicação principal sempre foi através da pintura e do desenho. Participou de várias exposições e salões de arte. É morador de uma residência terapêutica do Cândido Ferreira.



NORIVAL COBEIRO

“QUE É A ARTE,
AFINAL, DO
PONTO DE VISTA
EMOTIVO, SENÃO
A LINGUAGEM
DAS FORÇAS
INCONSCIENTES
QUE ATUAM
DENTRO DE
NÓS?”

**MARIO
PEDROSA**

Arte, necessidade vital.

Rio de Janeiro:

Casa do Estudante do Brasil.

1949.

“É NECESSÁRIO
SE ESPANTAR,
SE INDIGNAR, E
SE CONTAGIAR,
SO ASSIM
É POSSÍVEL
MUDAR A
REALIDADE”

**NISE DA
SILVEIRA**



LONAS

JOÃO JORDÃO (1928 -)

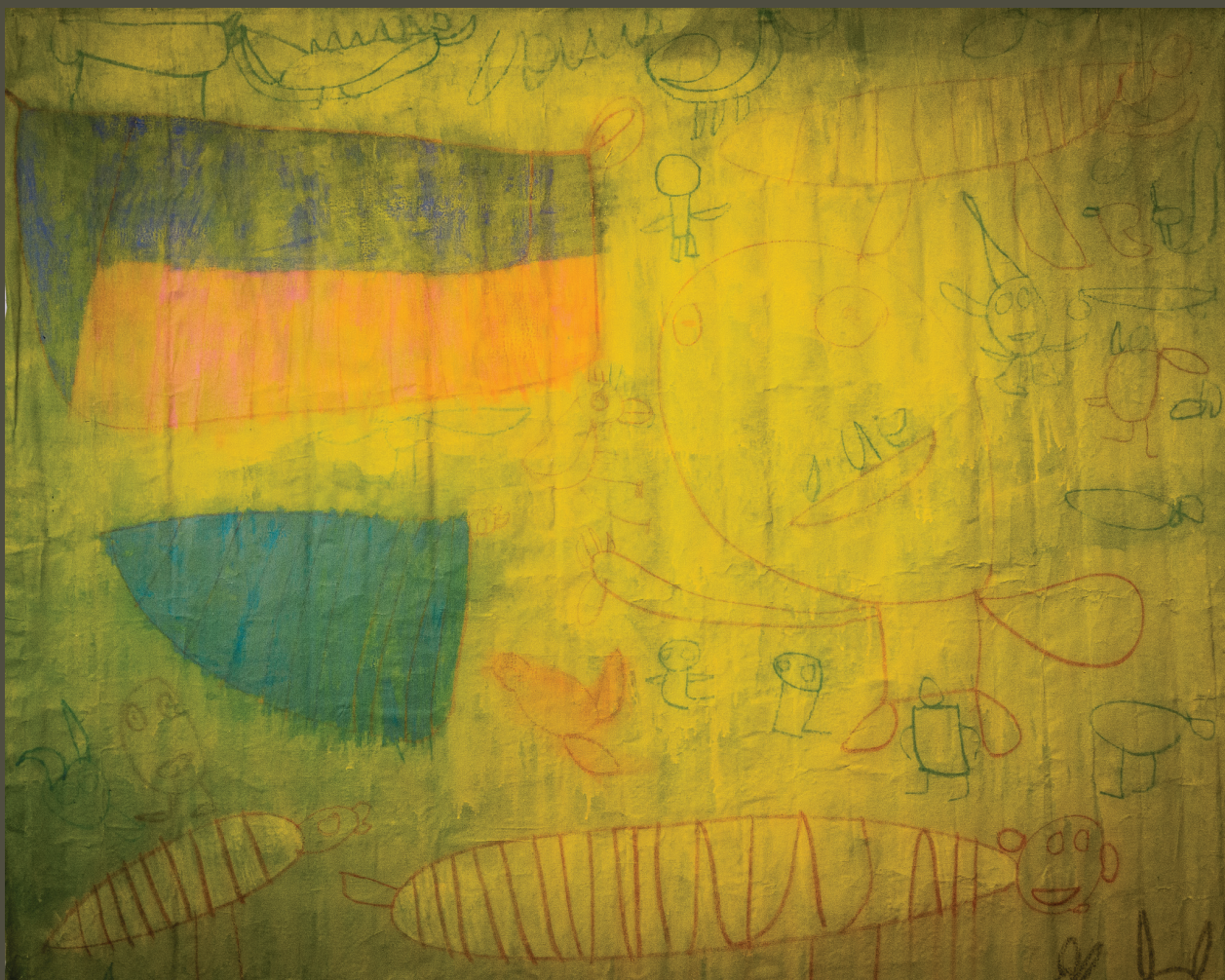
Nasceu em Cabaceiros (PB). Começou a pintar a pintar em 1991 no Espaço 8 Ateliê. Participou de muitas exposições, salões de arte e teve várias premiações. É morador de uma residência terapêutica do Cândido Ferreira. Há cerca de 20 anos disse a frase: "quando o Dr. não mata, a tinta cura". Hoje tem uma sala com seu nome no edifício principal da instituição.



**EDSON JOSÉ
FRANCISCO**
(1937 - 2000).

Foi morador por décadas do Cândido Ferreira. Foi um dos primeiros integrantes do Espaço 8 Ateliê em 1992 e participou de muitas exposições e recebeu muitas premiações em 9 anos de pintura.





**MARIA DO SOCORRO
SANTANA DA SILVA
(1951-2017)**

Chegou ao Cândia em 1994 com um grupo de 40 mulheres, encaminhadas do Hospital Psiquiátrico de Americana. Sempre alegre e participativa trabalhou também nas oficinas de bordado e música, além da pintura no Espaço8 Ateliê e das salas de aula da Fundação Municipal para Educação Comunitária (FUMEC). O trabalho artístico e os estudos muito a ajudaram no ganho de autonomia. Assim, logo que possível foi transferida para uma Residência Terapêutica do Cândia, onde permaneceu até o fim de sua vida.

HILDA MARIANO

Nasceu em 1945 em Rio Largo/AL. Começou a pintar no Espaço 8 Atelier nos anos 90. Participou de várias exposições. Hilda morou numa residência terapêutica do Cândido Ferreira e faleceu de Covid 19 em março de 2021.







MARIA APARECIDA GOMES (1952 - 2021)

Maria Aparecida Gomes chegou ao Cândido Ferreira em 1994 encaminhada por outro hospital psiquiátrico e se dizia chamar Rita de Cassia. Começou a pintar no Espaço 8 Ateliê barcos e navios e esse trabalho permitiu resgatar memórias afetivas de seu lugar de origem – o bairro Pouca Farinha de Santos. Participou de muitas exposições de arte. Em 1997, foi estudar na educação de jovens e adultos da Fundação Municipal para Educação Comunitária (FUMEC) no Centro de Convivência do Cândido Ferreira. Ali, perante a pergunta do professor “qual o seu nome?” ela pode se reposicionar e dizer seu nome de nascença. A arte e a educação permitiram o retorno para a sua família em 1998 e as suas obras estão no Acervo do Cândido Ferreira. Maria Aparecida faleceu de covid-19 em fevereiro de 2021.



LUIZA FINATTI Luiza é artista que trabalha em casa, no CAPS, na rua, na Casa dos Sonhos. Começou a pintar aos 4 anos de idade. Se inspira na natureza e na beleza dos encontros com o cotidiano. Participou do Espaço 8 Ateliê, convive no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira há 23 anos e possui várias obras no Acervo de Arte do Cândido Ferreira (172 obras). Também, expôs seus trabalhos em vários espaços, Museu da França, Museu da Bahia, Centros Culturais, Universidade de São Carlos, Prefeitura Municipal de São Caetano e alguns bares do município de Campinas. Canta e faz poesias sobre o amor. Deseja melhorar sua técnica com a ajuda de seu público.

FERNANDO CATANI

Nasceu em Campinas, é pedagogo, artista visual e educador. Foi colaborador do Espaço8 Ateliê entre 1990 e 2005. Essas mandalas foram pintadas por ele e enviadas ao Espaço 8 ateliê para serem aproveitadas pelos artistas usuários.

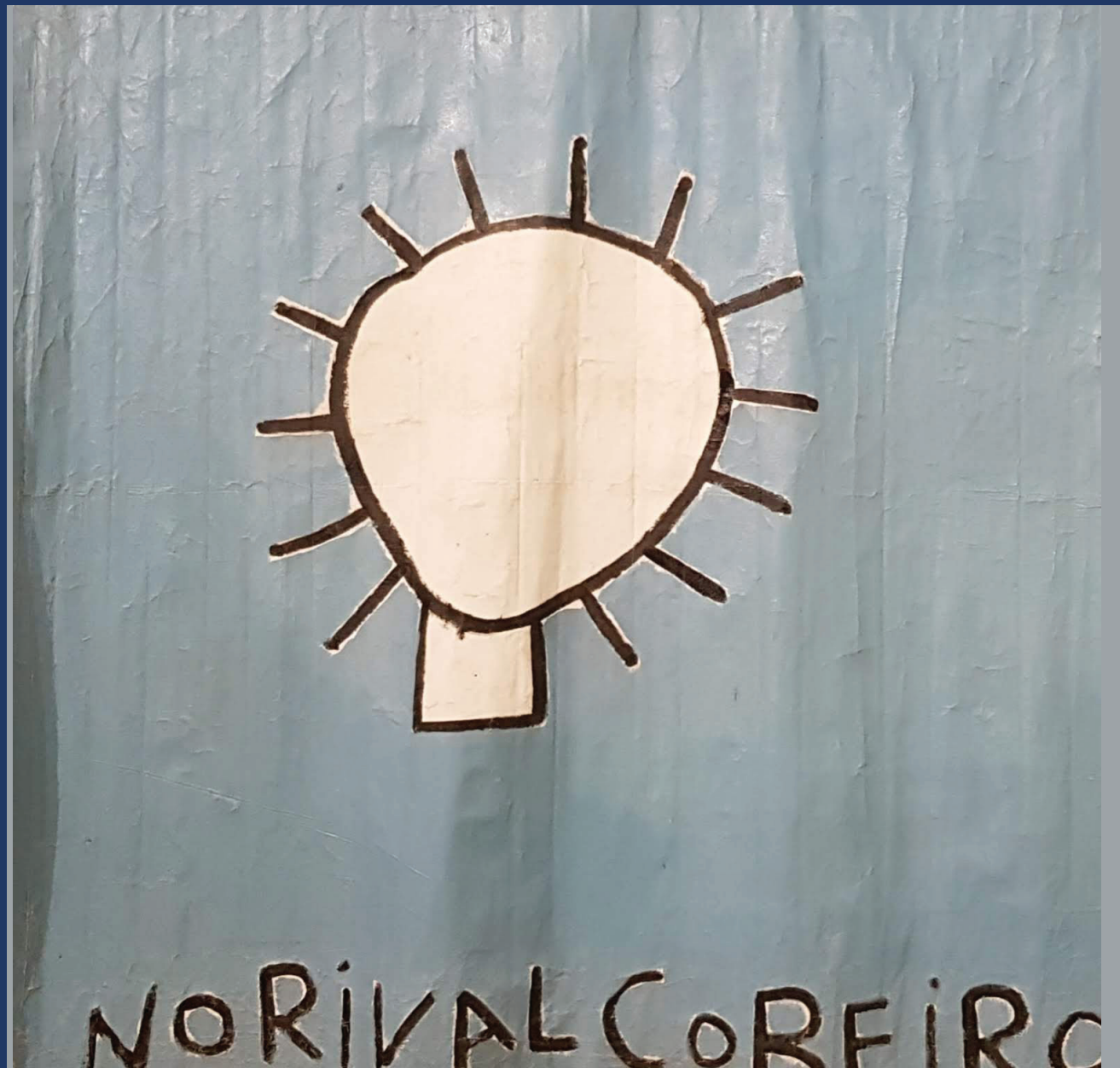
Atua em Campinas como artista, curador e educador, tendo participado de diversos salões e premiações nacionais e internacionais.



FERNANDO CATANI e MARLENE DINIZ

1992 no espaço B Ateliê. Participou de
várias exposições e salões de arte. É
morador de uma residência terapêutica do
Cláudio Ferreira.





NORIVAL COBEIRO
(1945 -)

Nasceu em Jundiá. Começou a pintar em 1992 no Espaço 8 Ateliê. Homem de poucas palavras, sua comunicação principal sempre foi através da pintura e do desenho. Participou de várias exposições e salões de arte. É morador de uma residência terapêutica do Cândido Ferreira.



ANGELO CIOCCA

Angelo Ciocca nasceu em Valinhos em 1957. Começou a pintar no Espaço 8 Atelier no início dos anos 90. Participou de muitas exposições e salões de arte, com algumas premiações. Há mais de 25 anos mora em uma residência terapêutica do Cândido Ferreira.

MARLENE DINIZ
(1949 – 2013)

No início do Espaço 8 Ateliê Marlene começou a pintar suas pequenas mãos que logo se transformaram em flores e essa temática “mão-flor” tornou-se presente em todas as suas criações. Suas obras foram expostas em muitos importantes espaços da arte. Na oficina artística de trabalho e renda “Estação Criar”, que funcionava dentro do Caps Estação do Cândido Ferreira, pôde transformar objetos diversos como camisetas, bandejas e cadernos com a sua incrível pintura. Após casar-se, viveu numa residência terapêutica do Cândido com seu marido. Marlene foi durante anos a rainha da bateria dos Unidos do Candinho. Ícone de resistência ao silenciamento manicomial, Marlene ousou questionar, estudar, exigir seus direitos, pintar, dançar, sorrir e amar.





BORDADOS DE LUZ PELA UNIÃO DE DUAS VERTENTES: FOTOGRAFIA E BORDADO

O projeto visa muito mais do que uma atividade motora. Através de bordados em seus próprios retratos, os frequentadores se tornaram artistas e criadores de suas obras. Foi realizado junto com os frequentadores do CECCO Toninha. Em um primeiro encontro, foram obtidos retratos através de uma câmera fotográfica. As imagens foram impressas em tecido. Num segundo encontro, os frequentadores bordaram em suas imagens, com linhas de crochê e outros acessórios, livres de qualquer regra, meta ou prazo. Paciência foi a palavra-chave de todo o processo. A obra do artista Arthur Bispo do Rosário foi uma referência. Uma vez assimilado, cada um pode “ligar-se” consigo mesmo e transcender em suas obras da maneira que mais fluía. O Auto-conhecimento estava para as linhas de bordado e as questões particulares para as agulhas, na qual os artistas bordavam incessantemente em suas próprias imagens, levando-os a algum tipo de confronto. Algumas questões foram observadas durante as atividades, tais como: exercício motor, foco e concentração. A troca se fez iminente,

nos mais variados significados, seja numa simples ideia ou sugestão, ajuda mútua por questões físicas, empréstimo de material de trabalho, ocasionando um maior relacionamento entre os participantes. Vale frisar também, que houve um envolvimento por parte de todos os frequentadores do CECCO Toninha, nos dias das oficinas. Na etapa final do projeto, no último encontro, foi realizada uma exposição com as obras dos artistas, onde foi possível fazer uma reflexão de tudo o que foi visto e vivido. O resultado final foram cores, luzes, linhas, imagens, alegria e uma recordação maravilhosa. Assim como os retratos, elas ficarão para sempre em nossos corações. Obrigado a todos os envolvidos!

LUCAS, MARINA E SOPHIE
setembro de 2019



ALDOVANDO NEGER DE
BORGES ALICE ALVES
ALICE GOMES DOS
DEBORA KELLY RO
DEBORA KELLY RO
JOAO CLAUDIO
JEGE LOPES PEREIRA LUIS
ROMARIS LUIZA PASSARIN
MARIA APARECIDA
MARIA DE LURDES
MARIA INES BERARDI
MARIA LUZIA D
BLANCHINI MARINA
PESTANA MAGRO DE A
MARINA REZZE BART
NEUSA FERREIRA
APARECIDO DE
RODOLFO PENHA M
ROGERTO DA SILVA
ROSEMEIRE S.
SEBASTIAO ALVES
SOPHIE PESTANA
ZENILDO DE

OLIVEIRA
PEREIRA
SANTOS
DRIGUES
DRIGUES
SCAPIN
FERREIRA
HO ROSA
BELMIRO
BASSO
RAMOS
OURADO
CESAR
ANDRADE
THELSON
PAULO
ARAUTO
ACHADO
SOUZA
SANTOS
PEREIRA
JUSTO
SOUZA

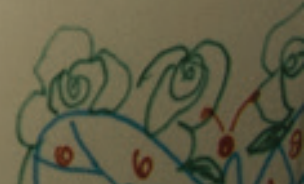








Nis
Si sinta sengkala
Kemar Telle o pona
& Tonda Nijis
Nun si dudu
Kemar corind -19



ENVELOPES POÉTICOS - ARTE POSTAL LUIZA FINATTI

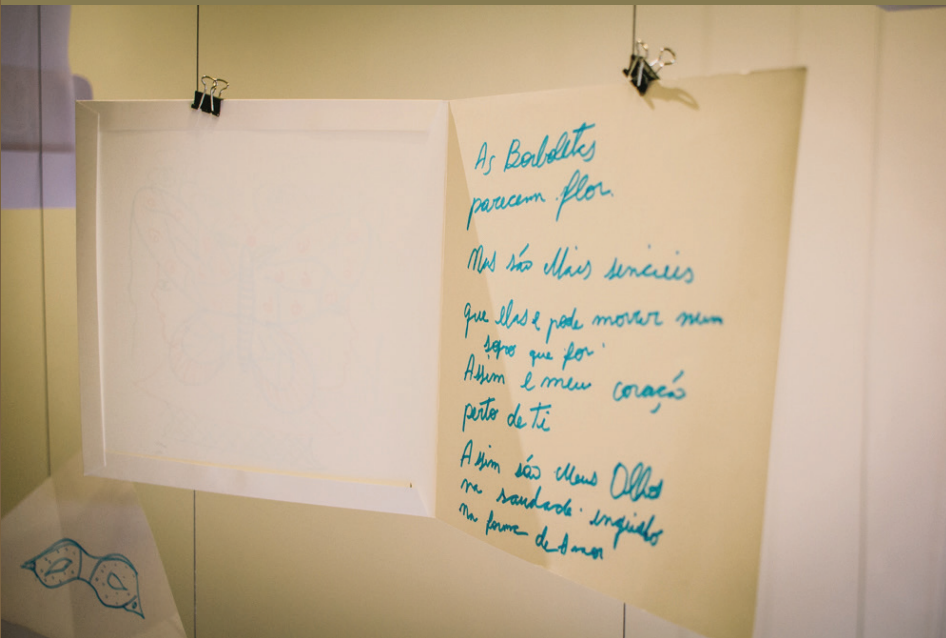
Luiza é artista que trabalha em casa, no CAPS, na rua, na Casa dos Sonhos. Começou a pintar aos 4 anos de idade. Inspirada pela natureza e pela beleza dos encontros cotidianos. Participou do Espaço 8 Ateliê, convive no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira há 23 anos e possui várias obras no Acervo de Arte do Cândido Ferreira (172 obras). Também, expôs seus trabalhos em vários espaços, Museu da França, Museu da Bahia, Centros Culturais, Universidade de São Carlos, Prefeitura Municipal de São Caetano e alguns bares do município de Campinas. Canta e faz poesias sobre o amor. Deseja melhorar sua técnica com a ajuda de seu público.

As Bombolitas
parecem flor.

Mas são mais sincias
que elas e pode mover num
seguro que por
Assim é meu coração
perto de ti

Assim são meus Olhos
na saudade inquieto
na forma de amor





As Borboletas
parecem flor.
Mas são elas unicais
que elas e pode mover mem
sopro que for
Assim e meu coraço
parte de ti
Assim são meus Olhos
na saudade. Inquieta
na forma de amor

“Cada segundo que passamos ficou no passado
E a cada segundo pode ser o futuro
Por isso devemos viver bem cada segundo
Fazer as coisas que mais nos agradam
A natureza é para sentirmos a liberdade
Mas os homens culminam ela aos poucos
Devemos viver bem o nosso sistema para pura diversidade
Que os momentos sejam capazes”

LUIZA FINATTI



“Cantam os pássaros
Para alegria de quem passar
Assim são os loucos
Expõem seus sentimentos
Com histórias fictícias ou sofredoras
A quem todos querem agradecer.”

LUIZA FINATTI

O GLOBO O GLOBO GIRA

Pensamentos que se entrelaçam
o Globo gira enquanto todos ou quase todos param,
a rede que foi considerada um problema vira solução,
a rede se forma no adesivo que vai e o envelope que vem!

E o Globo gira!
Seguimos, crescemos
é outro momento, outro tempo
tempo de espera
tempo ligeiro, rápido, muito rápido!
Daqui pra lá, de lá pra cá
independente da fronteira,
que fronteira?
Fronteiras há muito que não existem!
Tudo muito, muito rápido,
porém a lentidão veio!

E o Globo continua a girar!
Desenho que vai, o envelope que vem,
pensamentos entrelaçados
grupo que se forma, cores que vibram,
cheiro de tinta, barulho de spray,
rebeldia de juventude,
do micro para o macro,
não importa o traço, a cor, a idéia
se faz movimento!

O Globo gira
Agora! Sticker lá, estagnado, parado,
cumprindo seu papel de colante,
atingiu seu objetivo
na placa, no poste, com outros,
em qualquer lugar do globo.

O Globo gira
Aos poucos as pessoas se movimentam,
um pouco mais lentas,
estranhamente voltam,
quase que escondidas,
com os olhos de fora
nem todos enxergam,
e no giro do globo
as máscaras que eram uso de poucos,
símbolo de graffiti,
é a necessidade de todos,
é a descrença de muitos
é a resistência de alguns!

E o Globo continua a girar
Assim estamos na web rede, na rede street, na trama de
pensamentos.
Assim estamos no mundo e no nosso mundo,
dizendo muito nos muros, nas ruas, nos colantes, nas atitudes
e agora nas máscaras símbolo de vida,
pois estamos vivos com muito a tecer, a tramar, a enredar
do nosso jeito,
porquê o Globo continua a girar!

MIRS MONSTRENGO e RODRIGO RIBEIRO
setembro 2020



ARTISTAS:
DAVI ELIAS
CANARI,
JULIA
VIRGÍLIO DE
ANDRADE
SILVA,
HUGO AP.
MAZZARELLA
BONFÁ,
PEDRO
VIEIRA
LICKEL,
VINÍCTUS
BARTOLINI
MAZZARELLA,
RODRIGO
RIBEIRO,
MIRS

OFICINA DE ARTE URBANA

CASA DOS SONHOS

MIRS MONSTRENGO

COORDENAÇÃO MIRS MONSTRENGO E RODRIGO RIBEIRO



INICIATIVAS QUE PARTICIPARAM DA EXPOSIÇÃO TRAMA INCOMUM

ACERVO DE ARTE CÂNDIDO FERREIRA: começou a ser formado em meados de 1990, a partir de oficinas de arte realizadas com os pacientes moradores da instituição, sob a orientação do artista plástico João Bosco. Em 1992 essa experiência é ampliada, a partir da fundação do Espaço 8 Atelier (1992 a 2005), o qual possibilitou a vivência diária do ateliê, trocas com artistas da cidade, organização de exposições e a entrada de obras em salões de arte, onde receberam várias premiações. Conforme a instituição fechou alas de internação e abriu novos serviços na comunidade, o acervo passou a receber a produção dos vários ateliês e de iniciativas institucionais, como as Convocatórias de Arte Postal. Hoje, o acervo possui 4228 obras de arte e recentemente foi contemplado pelo PROAC para musealização de suas obras.

ATELIÊ DE LIVRE EXPRESSÃO DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA CASA DOS SONHOS: espaço aberto à comunidade, reúne usuários da saúde mental e demais artistas da comunidade, alunos da Fundação Municipal para Educação Comunitária (FUMEC), parceiros e voluntários. Fundado em 2009, ao longo de sua história foi coordenado por alguns profissionais da instituição. Atualmente está sob orientação de Larissa Camatta Zambon, do Cândido Ferreira, e Rodrigo Ribeiro, do Centro de Convivência Intergeracional e Inclusivo da Associação Cornélia. Em 2009, o ateliê ganhou o “Prêmio Loucos pela Diversidade” – edição Austregésilo Carrano – Ministério da Cultura (MinC) e Ministério da Saúde - FIOCRUZ.

ARTE URBANA DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA CASA DOS SONHOS: voltado para público jovem, é um espaço aberto à comunidade para criações em grafite, sticker, estêncil, sobre a perspectiva da arte urbana: movimento libertário de ocupação do espaço público a partir de reflexões e reivindicações sobre a vida na sociedade. O ateliê é coordenado pelo artista plástico Mirs Monstrego e o educador social Rodrigo Ribeiro e mantido pelo Centro de Convivência Intergeracional e Inclusivo da Associação Cornélia e pelo Cândido Ferreira.

OFICINAS DE ARTE: “PROJETO BORDADO DE LUZ” DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA TONINHA: o projeto uniu fotografia e bordado a partir da proposta de cada participante bordar o seu próprio retrato. Coordenado pelos artistas Lucas Tirloni e Marina Cesar Pestana M. de Andrade, o projeto foi desenvolvido no segundo semestre de 2019, para usuários e outros artistas interessados do CECO Toninha.

ATELIÊ DE EXPERIMENTAÇÃO EM ARTE DO CAPS ESPERANÇA: trabalho coordenado por Caroline Ferreira Jorge voltado aos usuários da saúde mental do Caps Esperança. O ateliê se propõe a trabalhar a partir de diferentes materiais, técnicas e expressões da arte e do artesanato e tem se mostrado como potente estratégia de cuidado.



SAIBA MAIS

TEXTOS COMPLEMENTARES

Arte Bruta - Itaú Cultural

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3776/art-brut>

Arte Incomum - Itaú Cultural

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14256/arte-incomum>

Nise da Silveira - Uma Guerreira da Luz

<https://medium.com/teresa-vignoli/nise-da-silveira-uma-guerreira-da-luz-9af1cb490080>

Links para vídeos das Rodas de Conversa promovidas durante a exposição TRAMA INCOMUM

Tramas das Artes no Cândido

<https://www.youtube.com/watch?v=LjWRMTPufY&t=16s>

Tramas da Luta Antimanicomial

<https://www.youtube.com/watch?v=1ZaM2S9y96w>

Tramas entre Arte e Loucura

<https://www.youtube.com/watch?v=QjFKUe9fPZU&t=6s>

Tramas pela Cidade e a Arte

<https://www.youtube.com/watch?v=CaZQvUkrGvg&t=2s>

Interlocução dos Afetos

https://www.youtube.com/watch?v=BM_ZPzkH_BI

Links para vídeos de intervenções artísticas com a exposição TRAMA INCOMUM

Abertura virtual Guga Costa e Breno Lopes

<https://www.youtube.com/watch?v=i9RQRVtrddA>

Show Águas de Dentro

Guga Costa e Breno Lopes

<https://www.youtube.com/watch?v=Bo2wzM-tbAc>

[TR]AMA- Hellen Audrey e Raquel Gouvea

<https://www.youtube.com/watch?v=um9CyO--KtK>

MA[R] - Hellen Audrey e Raquel Gouvea

<https://www.youtube.com/watch?v=um9CyO--KtK>

TINTURA -Hellen Audrey e Raquel Gouvea

<https://www.youtube.com/watch?v=wiSrQTlcnMA>

Show Canção Estancada - Alê Freire

<https://www.youtube.com/watch?v=Obuz2dZHV4I>

Palavrilhas sobre o Corpo - Guga Cacilhas

<https://www.youtube.com/watch?v=kPeqQW-LGNI>

Link para vídeos sobre artistas que atuam ou atuaram em instituições de cuidado em saúde mental

Sala João Jordão no Cândido Ferreira

<https://www.youtube.com/watch?v=EDx8ZONDqE&t=524s>

Estrela de 8 pontas, Fernando Diniz

https://portacurtas.org.br/filme/?name=estrela_de_oito_pontas

Artistas de Campinas e o Espaço8

http://www.saude.campinas.sp.gov.br/saude/noticias/candido/not_20_06_05.htm

Galerias e Museus de referência em arte incomum

Museu de Imagens do Inconsciente

<http://museuimagensdoinconsciente.org.br/>

Museu Vivo Dr. Cândido Ferreira

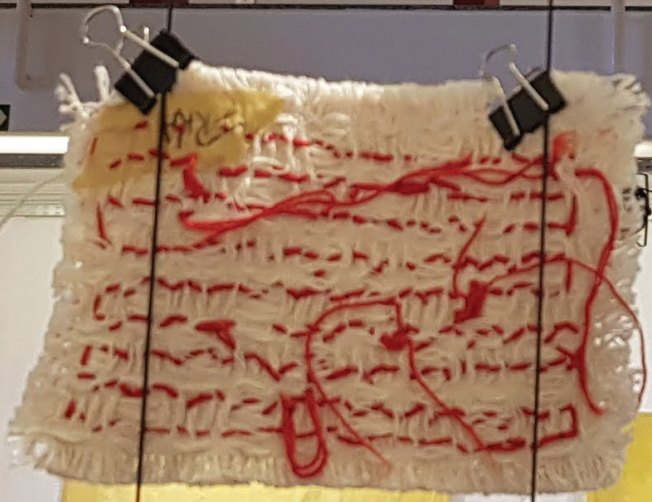
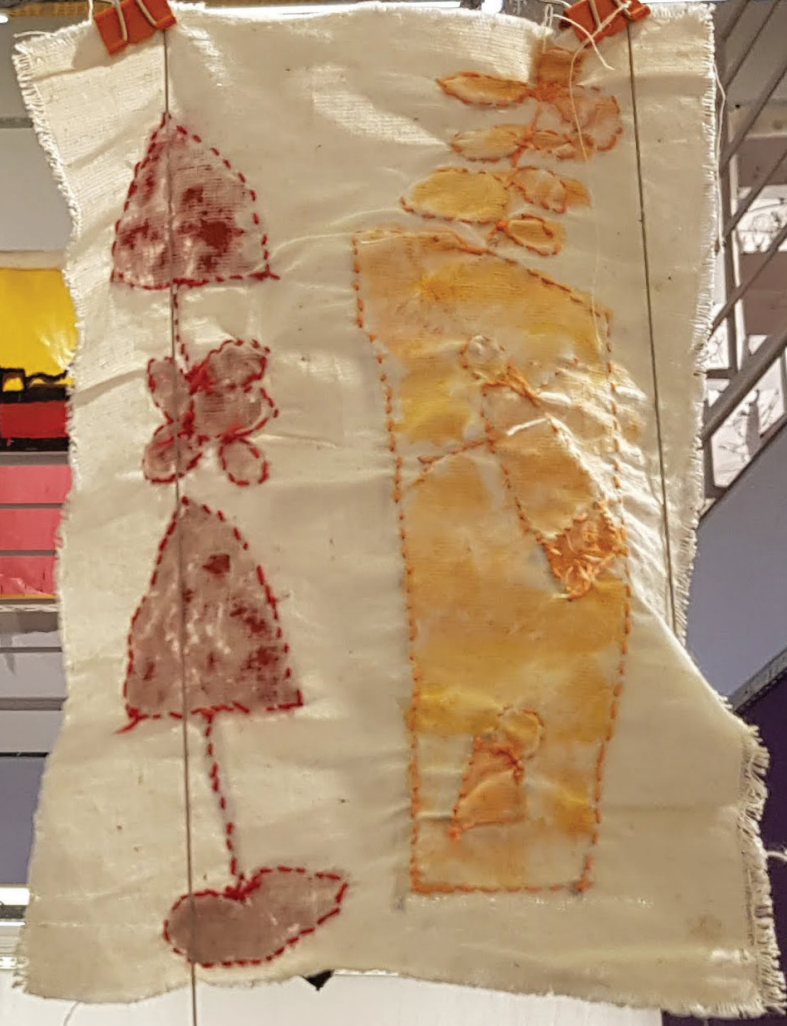
<https://candido.org.br/portal/museu-vivo-candido-ferreira/>

Galeria Christian Berst - Paris

<https://www.instagram.com/christianberstartbrut/>

Outsider Galerie - Amsterdam

<https://www.instagram.com/outsiderartgalerie/>





FICHA TÉCNICA

TRAMA **I** NCOMUM

Curadoria: Cecília Stelini, Mario Braga e Teresa Mas

Produção: Instituto Pavão Cultural e Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira

Produção Executiva: Laura Andare, Mario Braga e Teresa Mas

Expografia e Montagem: Pavão Arquitetura e Expografia Ltda

Design Gráfico: Eleusina Freitas

Fotografias: Gabriella Zanardi, Lucas Tirloni, Mario Braga

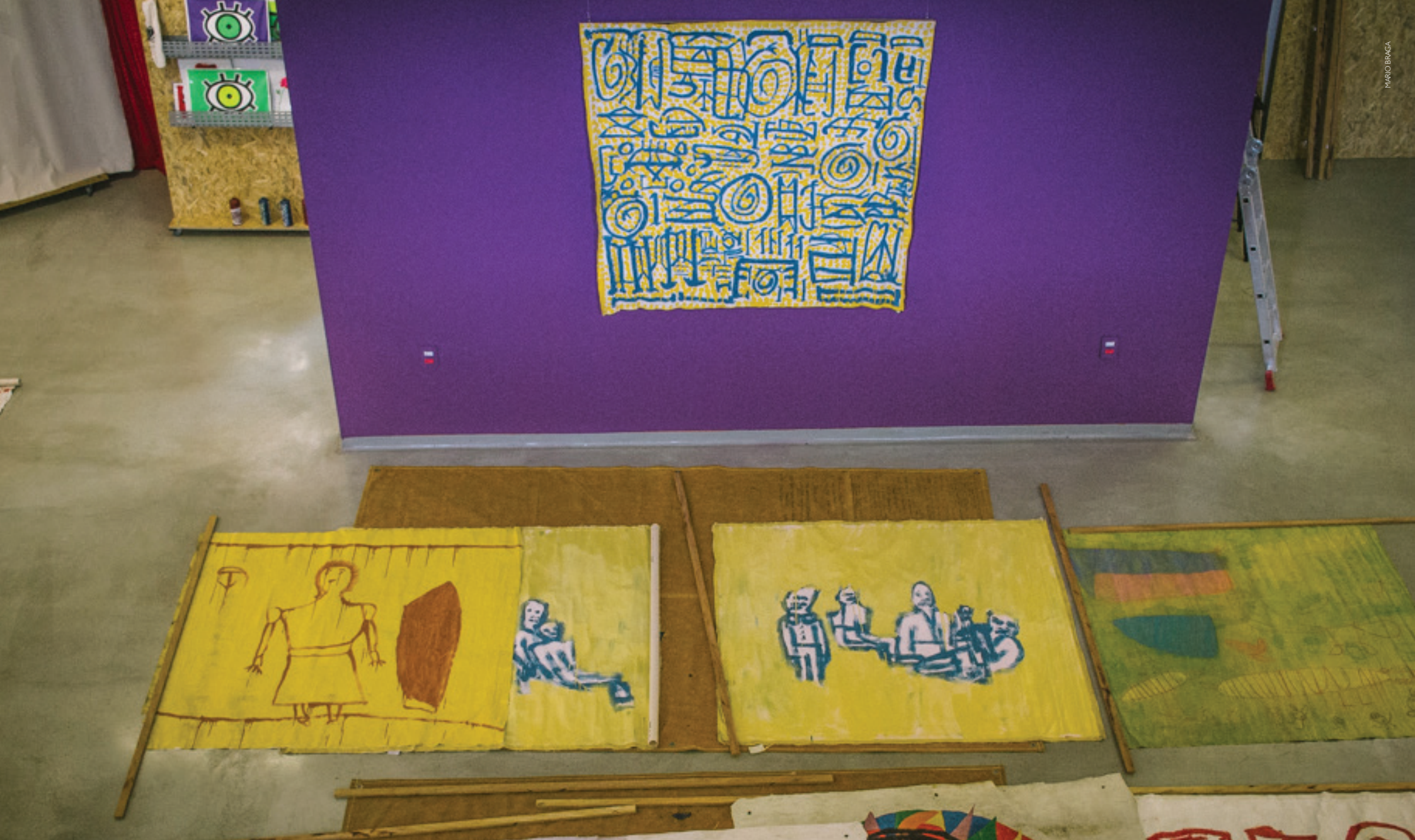
Textos: Cecília Stelini, Gal Soares de Sordi, João Bosco de Oliveira, Juliana Siqueira, Lucas Tirloni e Marina Pestana, Marcelo Pinta, Mario Braga, Mirs Monstrego, Paula Monterrey, Rodrigo Ribeiro, Teresa Mas

Participantes: Alice Alves Pereira, Alice Gomes dos Santos, Aldovando Neger de Oliveira Borges, Angelo Ciocca, Davi Elias Canari, Débora Kelly Rodrigues, Edson José Francisco, Fernando Catani, Gildete Pereira, Hilda Mariano, Homero Gonçalves, Hugo Ap. Mazzarella Bonfá, João Claudio Scapin, João Jordão, Jovita dos Santos, Julia Virgílio de Andrade Silva, Liege Lopes Pereira, Luis Ferreira Romaris, Luiza Finatti, Luiza Passarinho Rosa, Maria Aparecida Belmiro, Maria Aparecida Gomes, Maria de Lurdes Basso, Maria do Socorro, Maria Inês Beraldi Ramos, Maria Luzia Dourado Bianchini, Marina Cesar Pestana Magro de Andrade, Marina Rezze Barthelson, Marlene Diniz, Mirs Monstrego, Neusa Ferreira, Norival Cobeiro, Paulo Aparecido de Araujo, Pedro Vieira Lickel, Rodolfo Penha Machado, Rogério da Silva Souza, Rodrigo Ribeiro, Rosemeire S. Santos, Sebastião Alves Pereira, Sophie Pestana Justo, Tereza L'Estaque, Vinícius Bartolini Mazzarella, Zenildo de Souza.

Colaboradores: Caroline Jorge, Daniela Oboli, Gal Soares de Sordi, Guga Costa, Larissa Zambon, Laura Andare, Lucas Tirloni e Marina Pestana, Marcelo Pinta, Mirs Monstrego, Paula Monterrey, Rodrigo Ribeiro

Agradecimentos: Agnes Santos, Alê Freire, Alice Possani, BA Edmilton Barbosa, Breno Lopes, Caroline Jorge, Cassiane Tomilheiro, Cecília Stelini, Clauber Reis, Daniela Oboli, Gabriel Taco, Gal Soares de Sordi, Guga Cacilhas, Guga Costa, Hellen Audrey, João Bosco de Oliveira, Larissa Zambon, Laura Andare, Lucas Tirloni e Marina Pestana, Luciano Lira, Ludmilla Calsani, Maria Susana Córdoba, Marcelo Pinta, Mathias Reis, Mirs Monstrego, Paula Monterrey, Raquel Gouvêa, Silvana Borges, Teresa Vignoli, Thiago Carvalho, Wesler Machado-Alma.





REALIZAÇÃO



CÂNDIDO FERREIRA
MUNICÍPIO PESSOAL & SOCIEDADE



INSTITUTO BRAGA CULTURA



Prefeitura Municipal de Campinas
Secretaria de Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Esta ação de contrapartida de atividades refere-se ao inciso II da lei Federal 14.017, de 29 de junho de 2020 Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc.